

Início e circularidade na *Ciência da Lógica* de Hegel

Dalmiro Schwartz Lara

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

ABSTRACT: In this paper, we reconstruct the debate within the Hegelian studies on what is the most convincing interpretation of the circularity of Hegel's Logic, which the philosopher presents as a solution to the problem of the logical beginning. Based on the way this problem is presented in the text *With what must the beginning of science be made?*, in its 1831 version, we reconstruct the debate on the best interpretation of the solution Hegel offers to the problem. This solution is the conciliation of immediacy and mediation in the logical beginning. In addition to reconstructing the debate, we also take a position on it.

KEYWORDS: Hegel, beginning, circularity, Logic.

Este artigo se propõe a analisar o problema do início¹ lógico a partir do modo como ele é exposto no texto *Com o que precisa ser feito o início da ciência?*.² Mais especificamente, o artigo confrontará interpretações divergentes quanto à solução que Hegel oferece para esse problema, que é a conciliação de mediação e imediatidade no início lógico através da circularidade da ciência. Para isso, o texto realizará cinco etapas. Primeiramente, exporemos a nossa leitura do texto citado de Hegel no que tange à apresentação do problema e de sua solução; em segundo lugar, apresentaremos a leitura que Bernard Bourgeois tem desse problema, que consiste, como veremos, em entender que o início é colocado pelo final da ciência e que aquele contém em si, então, o resultado final do percurso científico. Em terceiro lugar, apresentaremos a leitura de Stephen Houlgate, que, enfatizando a reivindicação hegeliana por uma filosofia sem pressupostos e tendo uma concepção rígida de imanência, defende que a circularidade da ciência, que medeia o início imediato, é um momento posterior ao início propriamente dito. Esse último,

¹ O substantivo alemão *Anfang* é traduzido por Paulo Meneses (na edição da *Enciclopédia* que utilizamos) e por Marcos Lutz Müller (no artigo *A negatividade do começo absoluto*) por “começo”. Já Christian G. Iber, na tradução da *Ciência da Lógica* para o português, traduz o termo por “início”. Uma vez que a diferença de significado entre os dois termos em português, se existe, não é suficientemente grande para influenciar de modo significativo na compreensão da discussão em questão, optamos pelo uso do termo “início”, com o objetivo de nos mantermos coerentes com a versão disponível em português do texto de Hegel que é mais importante para o nosso trabalho (a *Ciência da Lógica*). Como é sabido, a *Ciência da Lógica* tem mais de uma tradução para português. Entretanto, só uma disponibiliza o texto completo.

² Nos referimos à segunda edição desse texto, de 1831, presente na segunda edição da *Doutrina do Ser*.



para Houlgate, conserva a sua imediatidade genuína. Em quarto lugar, exporemos a interpretação clássica de Dieter Henrich, que entende que há dois pontos de vista que incidem sobre o início. O primeiro deles é o do início imediato enquanto tal, ignorante em relação à sua mediação, e o segundo é o ponto de vista da ciência já consolidada, que nota que o início lógico, em sua imediatidade indeterminada, é caracterizado a partir de determinações da reflexão negadas. Por último, como conclusão, proporemos uma ordenação das leituras apresentadas no sentido de entender que Henrich serve como uma forma de síntese para a discrepância entre Bourgeois e Houlgate. Na medida em que o comentador francês parece desconsiderar o aspecto propriamente inicial do início, Houlgate se apegue a ele de modo a parecer desconsiderar o ponto de vista da ciência já consolidada. Dada a extensão notória do problema trabalhado, não é a pretensão do artigo esgotar o assunto ou apresentar uma versão do mesmo que se pretenda definitiva, apenas realizar uma modesta contribuição no que tange à possível relação entre alguns importantes comentadores do problema em relação com passagens específicas do texto de Hegel.

1. Uma leitura do texto *Com o que precisa ser feito o início da ciência?* no que tange ao problema do início lógico e à sua resolução a partir da circularidade da ciência.

O texto de Hegel *Com o que precisa ser feito o início da ciência?*, que compõe a *Introdução à Doutrina do Ser*, começa com a apresentação da “aporia” (*Verlegenheit*)³ em torno do início da filosofia. Ela é referida primeiramente como sendo uma “dificuldade” (*Schwierigkeit*) própria dos tempos modernos. A saber: a “dificuldade em encontrar um *início* na filosofia”⁴. Essa dificuldade é exposta sinteticamente na sequência: “O início da filosofia precisa ser ou *algo mediado* ou *algo imediato* e é fácil mostrar que ele não pode ser nem um nem outro; então, ambos os modos de iniciar encontram a sua refutação”⁵. Pouco mais à frente nesse texto⁶, Hegel se referirá ao mediado como aquilo que é “resultado”, e ao imediato como aquilo que é “início propriamente dito”, ou aquilo que “pura e simplesmente começa”.

³ Marcos Lutz Müller, em MÜLLER, M. L. A negatividade do começo absoluto. In: GONÇALVES, M. (Org.) **O pensamento puro ainda vive: 200 anos da Ciência da Lógica de Hegel**. São Paulo, Editora Barcarolla: 2014. p. 63, traduz, corretamente, o termo por “embaraço”.

⁴ HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 69.

⁵ HEGEL. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**, p. 69.

⁶ HEGEL. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**, p. 70.

O problema de um início imediato é a arbitrariedade que ele necessariamente carregaria consigo: em qualquer caso, seria questionável a legitimidade de um determinado imediato enquanto início, ou seja, seria possível sempre questionar a razão dele ter sido posto como início em vez de outro imediato. No caso de um início mediado, o problema é que, enquanto mediado, ele seria resultado de uma determinação anterior, o que seria contraditório com a própria ideia de início.⁷ Esse problema é solucionado pelo próprio Hegel a partir da exposição da seguinte tese:

(...) não *existe* nada, nada no céu, ou na natureza, ou no espírito, ou seja lá onde for, que não contenha igualmente a imediatidade, bem como a mediação, de modo que essas duas determinações se mostram como *inseparadas e inseparáveis* e aquela oposição como algo nulo. Mas no que concerne à *discussão científica*, em toda proposição lógica ocorrem as determinações da imediatidade e da mediação (...).⁸

Essa tese é, nesse texto, justificada de duas maneiras. A primeira delas está relacionada à anterioridade da *Fenomenologia do Espírito* em relação à *Ciência da Lógica* no sistema de Hegel. Desde essa perspectiva, o início da *Ciência da Lógica* resulta da *Fenomenologia* e, portanto, é *mediado* pelo percurso fenomenológico. Em outras palavras, o início lógico tem o percurso fenomenológico, que culmina na figura do saber absoluto, como seu pressuposto. Porém, o ser, com que tem início a *Lógica*, é imediatidade simples: imediatidade simples que é resultado de uma mediação que suprassumiu a si mesma⁹ e, portanto, suprassumiu a pressuposição

⁷ Marcos Lutz Müller e Richard Dien Winfield, mesmo pertencendo a tradições interpretativas muito diferentes, oferecem uma interpretação quase idêntica desse ponto do texto. Diz Müller: “Daí, também, a aporia do começo, que não pode ser nem mediado, pois isso implicaria uma relação a um conteúdo determinado, nem imediato, no sentido de algo pré-dado, aceito como um fato, com o qual a filosofia se depararia e que ela encontraria numa representação, intuição intelectual ou crença que pretende ser um saber imediato; mas ao mesmo tempo, ele tem de ser ou um ou outro, ou mediado ou imediato, pois do contrário não haveria começo” (MÜLLER. *A negatividade do começo absoluto*, p. 64). Nas palavras de Winfield: “Now, why would it appear that philosophy cannot begin with something immediate? Well, you have to ask, why would we have *this* immediacy rather than some other immediacy? It might appear that any time we begin with something immediately, without further ado, we face that dilemma. On the other hand, if we begin with something that is mediated, we start with what is contingent on something else. It is grounded on something else, but we are not addressing that something else. So our ‘beginning’ is not really a commencement, for it follows upon something that precedes it. (...) So it may appear that we cannot begin at all.” WINFIELD, R. *Hegel’s Science of Logic: A critical rethinking in Thirty Lectures*. United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, 2012, p. 39.

⁸ HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 70.

⁹ “Aqui o ser é o que inicia, apresentado como surgido por meio da mediação e, com efeito, por meio da mediação que é ao mesmo tempo a suprassunção de si mesma; com a pressuposição do saber puro como resultado do saber finito, da consciência.” HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 72.

do início lógico.¹⁰ Esse é o modo de justificar a conciliação de mediação e imediatidade no início lógico a partir da relação da *Lógica* com a *Fenomenologia*.

Uma vez que o ponto focal de nosso artigo está situado no interior da *Ciência da Lógica* e o recorte do problema abordado se refere a relações internas dessa obra, é necessário aqui, tendo em vista a já elevada densidade e extensão do assunto tratado, priorizar o segundo aspecto da justificação da resolução hegeliana do problema do início – a saber, aquele que diz respeito à circularidade interna da própria *Ciência da Lógica* enquanto agente mediador da imediatidade do início.

Certamente, esses dois aspectos da justificação hegeliana do início lógico, ou, nas palavras de Marcos Lutz Müller, as duas formas de negatividade que incidem sobre o início lógico (isto é, a mediação através da relação direta com a *Fenomenologia do Espírito* e a mediação através da circularidade interna da ciência lógica)¹¹, se interconectam. No entanto, parece perfeitamente possível acompanhar a abordagem teórica de uma série de comentadores clássicos que, como se verá mais adiante, ao tratar desse problema, o fazem sem debruçarem-se sobre a relação do início lógico com a *Fenomenologia*. Desse modo, conseguimos discorrer sobre o problema do início lógico sem ter de adentrar no polêmico, extensivo e, para nós, desviante

¹⁰ “O início é lógico, na medida em que deve ser feito no elemento do pensar livre para si, no *saber puro*. Ele é *mediado*, desse modo, pelo fato de que o saber puro é a verdade última e absoluta da *consciência*. Na introdução foi observado que a *Fenomenologia do Espírito* é a ciência da consciência, a apresentação de que a consciência tem como resultado o conceito da ciência, isto é, o saber puro. A lógica tem, por conseguinte, como sua pressuposição a ciência do espírito que aparece, a qual contém e mostra a necessidade e, com isso, a prova da verdade do ponto de vista que é o saber puro, assim como sua mediação em geral. (...) na lógica (...) a pressuposição é aquilo que se provou como resultado daquela consideração – a ideia como saber puro. (...) O saber puro, ao se *juntar* a essa *unidade*, suprassumiu toda relação com um outro e com a mediação; ele é o que é sem diferença; esse sem diferença deixa ele mesmo de ser saber; apenas está presente a *imediatidade simples*.” HEGEL. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**, p. 71.

¹¹ O artigo de Marcos Lutz Müller *A negatividade do começo absoluto*, sustenta que há três negatividades diferentes operantes sobre o início lógico hegeliano. Uma delas diz respeito à passagem da *Fenomenologia do Espírito* para a *Ciência da Lógica*, outra diz respeito à circularidade interna da própria *Ciência da Lógica*, e, por último, como resultado das duas anteriores, uma terceira diz respeito ao caráter abstrato e simples da imediatidade indeterminada do início lógico. “No horizonte dessa sucinta reconstituição da questão do começo da filosofia, e mais especificamente, do ‘começo lógico’, quero analisar rapidamente três formas principais de negatividade aí presentes. A primeira é a negatividade infinita que atua conjuntamente como mediação fenomenológica enquanto pressuposto da ciência lógica e na auto-suspensão dessa mediação (...). A segunda forma de negatividade é a negatividade abstrata imanente à pura imediatidade indeterminada do começo lógico (...). A terceira forma é a negatividade auto-referencial do momento especificamente dialético da auto-mediação da ideia absoluta enquanto método.” MÜLLER. *A negatividade do começo absoluto*, p. 68-69.

debate na literatura hegeliana quanto ao pertencimento ou não da obra de 1807 ao sistema maduro de Hegel.¹²

Para atingir a sua própria justificação da solução do problema do início lógico (a tese da conciliação da mediação e da imediatidade em todas as determinações científicas, incluindo a do início), Hegel passa à consideração crítica de três formas distintas de lidar com o problema do início formuladas pela filosofia de sua época. Da consideração da primeira delas (nomeadamente, a de Karl Leonhard Reinhold) emergirá a justificação da conciliação da mediação e da imediatidade no início lógico do ponto de vista da circularidade da ciência.¹³

Hegel diz que a proposta de Reinhold é uma tentativa de responder ao seguinte dilema: “A intelecção de que o absolutamente verdadeiro precise ser um resultado e, inversamente, que um resultado pressupõe algo que é primeiramente verdadeiro, mas que, porque é algo primeiro, considerado objetivamente, não é necessário (...)”.¹⁴ Dito de outro modo, em primeiro lugar, o que é absolutamente verdadeiro deve ser resultado (e, nesse sentido, como vimos, mediado); em segundo lugar, enquanto absolutamente verdadeiro e resultado, deve resultar de algo, por sua vez, verdadeiro. Ou seja: o absolutamente verdadeiro deve resultar de algo primeiramente verdadeiro. Portanto, deve haver um primeiro verdadeiro que transmita para adiante a verdade

¹² Segundo Pinkard, Hegel começa a repensar o lugar da *Fenomenologia* no sistema a partir do fim de 1808, no contexto em que passava a lecionar em Nuremberg a disciplina de Introdução à Filosofia no *Gymnasium*. O comentarista narra que a partir de 1808 Hegel avançava em seus cursos na *Fenomenologia* somente até a emergência do conceito de razão, sem percorrer o restante do caminho fenomenológico, e que essa prática se estendeu pelo restante do tempo em que o filósofo lecionou em Nuremberg. “That Hegel was rethinking the role of the *Phenomenology of Spirit* was already clear in the 1808 course. In that course he did not even refer to his introduction to philosophy as ‘phenomenology’ at all but instead as only the ‘doctrine of consciousness’ – later writing in a copy of his dictations the word ‘Pneumatologie’ (as another way of saying ‘doctrine of spirit’) to describe what he was doing. His marginal notes on the dictation show that he was hastily trying to give some kind of order to the whole thing.” PINKARD, T. **Hegel: A Biography**. Cambridge, United Kingdom. Cambridge University Press, 2000, p. 333. Em meio às exigências que lhe eram feitas quanto ao conteúdo de suas aulas, Hegel elaborava novos textos e repensava constantemente o lugar que as diferentes obras ocupavam em seu sistema. Em 1816, diz Pinkard, Hegel é encarregado de lecionar a respeito da “coerência universal das ciências” (PINKARD. **Hegel: A Biography**, p. 337), então ele elabora a *Enciclopédia*, a qual, novamente, o fez pensar sobre o lugar que a sua obra de 1807 ocupava nesse sistema consolidado. Até que, em uma etapa posterior de sua carreira, em Berlim, Hegel “(...) was finally to admit in print that he had in fact ceased to regard the 1807 *Phenomenology of Spirit* as the proper ‘introduction’ to his system.” PINKARD. **Hegel: A Biography**, p. 338. Assim, abordar o problema do início lógico a partir da relação dele com o desenvolvimento cientificamente anterior da *Fenomenologia* nos obrigaria a ter de nos ocupar com esses extensivos debates da bibliografia secundária.

¹³ Não abordaremos aqui as exposições e críticas por parte de Hegel, presentes no texto dele de que tratamos, de outras formas de lidar com o problema do início, por exemplo, as referências implícitas aos empreendimentos de Fichte e Schelling nas considerações a respeito do “início com *Eu*” (HEGEL. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**, p. 78) e do início como “intuição intelectual” (HEGEL. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**, p. 80), uma vez que as mesmas não nos parecem imprescindíveis do ponto de vista da elaboração argumentativa do texto voltada à exposição do caráter circular da ciência lógica.

¹⁴ HEGEL. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**, p. 73.

e que possibilite a cadeia derivativa. A partir disso, cabe a pergunta: como pode haver algo primeiramente verdadeiro se todo verdadeiro deve resultar de algo que por sua vez seja verdadeiro?

Em outras palavras, todo verdadeiro é mediado, mas, enquanto mediação, resulta de um anterior. Há então a necessidade de um primeiro (de um início) a partir do qual uma mediação possa primeiramente resultar. Esse primeiro seria o imediato. Entretanto, o imediato carece justamente do requisito mínimo de qualquer determinação verdadeira – a saber, ser um mediado (ou, ser resultado de uma determinação verdadeira anterior). Essa é, portanto, outra formulação do problema do início.

Reinhold, como resposta a esse problema, sugere que o início seja assumidamente arbitrário e apenas temporariamente aceito (provisório, hipotético). Já que não é possível que o início seja fundamentado (e, portanto, necessário), que se comece então de qualquer ponto, e a justificação desse início arbitrário se dará retrospectivamente, com o edifício científico já construído. Ou ainda, a aparente arbitrariedade do início se dissolverá a partir da fundamentação retrospectiva da filosofia, com a qual se constatará que aquele início é o primeiro verdadeiro. Hegel expõe essa posição com estas palavras:

(...) engendrou-se em época mais recente o pensamento de que a filosofia apenas poderia começar com um verdadeiro *hipotético e problemático* e que o filosofar, portanto, inicialmente poderia ser apenas uma procura. (...) o avançar na filosofia é antes um retroceder e um fundamentar, por meio dos quais apenas resulta que aquilo com o que foi iniciado não é meramente algo assumido arbitrariamente, mas de fato é, em parte, o *verdadeiro*, em parte, o *primeiro verdadeiro*.¹⁵

Hegel é crítico desse ponto de vista, mas pensa que há nele um aspecto aproveitável, a saber, a tentativa de resolução do problema do início desde o ponto de vista da circularidade do progredir científico.¹⁶ Como dissemos antes, Hegel considera que a circularidade da ciência é uma das respostas à aporia do início lógico, na medida em que é responsável pela mediação da

¹⁵ HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 73.

¹⁶ “(...) é preciso fazer-lhe justiça [a essa perspectiva de Reinhold], pois se baseia num interesse verdadeiro que concerne à natureza especulativa do *início* filosófico. A discussão dessa posição é, ao mesmo tempo, uma ocasião para introduzir uma compreensão prévia sobre o sentido da progressão lógica em geral; pois essa perspectiva encerra imediatamente a consideração do que é o progredir”. HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 73; *colchetes nossos*.

imediatidade do mesmo. Ou seja, uma vez que a ciência é circular, o seu início não é, na verdade, início, mas sim resultado do final. Em outras palavras, a imediatidade do início lógico é mediada pelo final. A partir disso é possível afirmar que o início lógico é, simultaneamente, imediato e mediado.

Precisa-se admitir que é uma consideração essencial – que surgirá mais precisamente no interior da própria lógica – que o avançar é um *retorno ao fundamento*, ao *originário* e *verdadeiro*, dos quais depende e, de fato, é produzido aquilo com que é feito o início. (...) Este último, o fundamento, é, pois, também aquilo do qual surge o primeiro, que entrou em cena primeiramente como o imediato. – Assim, o espírito absoluto, que resulta como a verdade suprema, concreta e última, de todo ser, é ainda mais reconhecido, como o que se exterioriza com liberdade no *fim* do desenvolvimento e se solta para a figura de um ser *imediato* – decidindo-se para a criação de um mundo que contém tudo aquilo que entrou no desenvolvimento, o qual precedeu aquele resultado e é transformado, por meio dessa posição invertida em relação ao seu início, em algo dependente de um resultado como o princípio. – O essencial para a ciência não é tanto que algo puramente imediato seja o início, mas que o todo da mesma seja um ciclo [*Kreislauf*] dentro de si mesmo, onde o primeiro também é o último e o último também é o primeiro.¹⁷

Aquilo com o que é feito o início, então, depende do fundamento, do originário e do verdadeiro. O primeiro, aquilo que entrou em cena primeiramente como um imediato, surge desse movimento de retorno. O ser imediato é uma forma assumida pelo espírito absoluto, o qual é, por sua vez, o resultado do desenvolvimento completo do ser. Então, ao mesmo tempo em que o espírito absoluto é o resultado último do progredir, ele também é o responsável por, através de uma decisão livre, assumir a forma de um imediato e criar um mundo¹⁸. A partir dessa passagem, podemos entender, então, que a circularidade da ciência é a característica da mesma de ter um início que deriva de seu fim. O imediato, ao mesmo tempo em que é imediato, é resultado de todo o desenvolver precedente e, portanto, mediado por ele. Podemos dizer que o resultado do desenvolver circular da ciência altera o significado do início da mesma: o medeia. Pensamos que, dessa maneira, se pode entender a seguinte passagem: “Por meio dessa progressão, pois, o início perde o que ele tem de unilateral nessa determinidade de ser um imediato e um abstrato em geral; ele se torna um mediado e a linha do movimento científico progressivo

¹⁷ HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 73-74.

¹⁸ Essa passagem ecoa notoriamente a interpretação de Bourgeois, que, como veremos adiante, se caracteriza por entender o “início” da ciência como sendo, não início em si mesmo, mas apenas uma livre decisão do espírito absoluto de pôr-se a filosofar.

faz de si, desse modo, *um círculo*. ”¹⁹ Devido a essa circularidade do curso científico, o início imediato, abstrato, indeterminado e, portanto, vazio e sem conteúdo, é preenchido e fundamentado, na medida em que mediado, pela completude do desenvolvimento que com ele inicia.²⁰

Portanto, surge, por outro lado, como igualmente necessário considerar como *resultado* aquilo ao qual o movimento retorna como ao seu *fundamento*. A esse respeito, o primeiro é igualmente o fundamento e o último é um derivado; na medida em que se parte do primeiro e, por meio de inferências corretas, chega-se ao último como ao fundamento, este é resultado.²¹

Vê-se que na passagem citada Hegel alega primeiramente que o fundamento é um resultado, e, em seguida, que o primeiro é um fundamento e que o último é um derivado ao qual se chega tendo partido de tal fundamento. A aparente contrariedade entre tais afirmações (nelas se diz tanto a respeito do primeiro quanto do último que são o fundamento) é resolvida na medida em que se compreende que o primeiro e o último se referem a um movimento de retorno. Pois em um movimento com essa característica, o último é, na verdade, o primeiro. Devido a que a ciência é circular, o primeiro e o último pontos de seu desenvolvimento não são verdadeiramente outros.²² Então, o fundamento da ciência é resultado de um movimento; mas como esse movimento é de retorno, tal fundamento é, na verdade, o mesmo ponto inicial da ciência, alterado pelo desenvolver ao qual deu início. Por essa razão, também o início é o fundamento. É desse modo, então, que Hegel explica como o início imediato da ciência é, devido à circularidade da mesma, mediado por todo o processo científico. Em outras palavras, é assim que Hegel justifica, nesse texto, a partir da circularidade da ciência, a tese da coexistência e inseparabilidade de mediação e imediatidade no início lógico.

¹⁹ HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 74.

²⁰ “(...) aquilo que faz o início, na medida em que é, nisso, ainda o que não é desenvolvido, sem conteúdo, ainda não é, no início, verdadeiramente conhecido e surge que apenas a ciência e, com efeito, [a ciência] em seu desenvolvimento inteiro, é seu conhecimento plenamente realizado, cheio de conteúdo e apenas fundamentado de modo verdadeiro.” HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 74.

²¹ HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 74.

²² “(...) a *progressão* daquilo que faz o início tem de ser considerada apenas como uma determinação ulterior do mesmo, de modo que o que inicia permanece estando no fundamento de tudo o que se segue e não desaparece disso. O progredir não consiste no fato de que seria apenas derivado um *outro* ou no fato de que se passe para um verdadeiramente outro; - e na medida em que ocorre esse passar, ele do mesmo modo novamente se suprassume” (HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 74).

2. A posição de Bourgeois: a ênfase na agência do conceito enquanto mediador da imediatez do início.

Bernard Bourgeois defende que o início lógico e a primeira imediatez consistem em uma mera aparência que se dissolve com o desenvolver da progressão circular da ciência, isto é, o início lógico, dada a circularidade da ciência, já está imbuído do resultado do pensar desenvolvido (foi posto pelo último, que é o sujeito do processo), e não é, portanto, início propriamente dito, no sentido objetivo.

Bourgeois afirma que o início lógico é uma antecipação do resultado do percurso especulativo lógico (a ideia lógica), o qual já foi alcançado, uma vez que a ciência é circular. Como consequência disso, a ciência lógica não tem um início objetivo. Esse aparente início é, para Bourgeois, resultado da livre decisão, ou o ato de liberdade criativa²³ por parte do pensar já consumado, de se colocar para si mesmo como um objeto aparentemente exterior e imediato (isto é, como início).

Em sua extensa apresentação para a sua tradução francesa dos três volumes da *Encyclopédia*, que acompanha, traduzida para o português e na forma de apêndice, a tradução brasileira do primeiro volume dessa obra, Bourgeois aborda, em dado momento, a questão do início. Como dissemos, para o comentador, o início é uma antecipação da determinação última da ciência e, enquanto tal, é resultado da ação do conceito.

No decurso de seu movimento, o conceito se põe numa determinação cujo sentido é ser a tomada de consciência pelo conteúdo da significação de seu próprio processo. Assim, a forma original segundo a qual o conteúdo é desenvolvido é a antecipação prática (não arbitrária, porque de fato resume o resultado ao qual chegou o filósofo especulativo, já percorrido todo o desenvolvimento) da determinação última em que o conteúdo reflete teoricamente sua forma, sua mediação, pondo-se assim em sua verdade de absoluto, de imediato concreto.²⁴

²³ “La dialectique hégélienne, non seulement tolère, mais, par son sens même, requiert, en sa nécessité constitutive, l’ancrage de celle-ci dans (...) la liberté de la décision (...)”. BOURGEOIS, B. **Etudes hégéliennes: Raison et décision**. Paris, Presses Universitaires de France, 1992, p. 91. Mais à frente, o comentador diz: “Toute la progression logique actualise l’identité du début de la Logique – la libre décision de philosopher dont parle l’avant-dernier paragraphe de l’Introduction de l’*Encyclopédie* – et de sa fin – la libre décision de l’Idée logique (...) confirmant ainsi finalement en lui-même l’activité absolue de son sujet (...)”. BOURGEOIS. **Etudes hégéliennes: Raison et décision**, p. 108.

²⁴ BOURGEOIS, B. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel. Em: HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): Volume I – A Ciência da Lógica**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995. p. 416.

O conceito, enquanto sujeito ativo, se põe em uma determinação a partir da qual o conteúdo toma consciência da significação de seu próprio processo. Em outras palavras, o conceito é o agente responsável por se colocar a si próprio como uma determinação a partir da qual o conteúdo tem consciência de seu próprio desenvolvimento. Na sequência é dito que a forma original segundo a qual o conteúdo se desenvolve é uma antecipação da determinação última no início. Portanto, o conceito se põe no início na forma de um imediato²⁵ e, nesse sentido, tal início não pode ser outra coisa que a antecipação resumida do resultado final a que se chegará a partir dele.

Bourgeois dá continuidade à sua argumentação afirmando que o ponto de partida da filosofia é a relação do filósofo com o seu objeto (ou do sujeito com o objeto). Porém, o início é ao mesmo tempo a antecipação da supressão dessa relação, ou a antecipação da identidade concreta entre ambos. Em outras palavras: embora a justificação adequada da identidade entre sujeito e objeto se dê com o decorrer da ciência, tal identidade se encontra, com uma forma resumida e antecipada, também no início. Nas palavras do comentador: “A relação do filósofo com seu objeto, que constitui o começo da filosofia, é, desse modo, antecipação de sua própria justificação como conteúdo da determinação final deste mesmo objeto. Este se revela como identidade concreta do sujeito e do objeto, do que sabe e do que é sabido”.²⁶

Como conclusão de sua posição quanto a esse tema, podemos dizer então que Bourgeois considera que o guia do percurso dialético é, desde o início, o conceito. O momento inicial é o pôr-se a si mesmo, e determinação de si mesmo, do absoluto. Motivo pelo qual ele pode dizer que a filosofia não tem início propriamente dito. “Posto que a determinação do começo é assim fundada como o fim da determinação — da autodeterminação do absoluto —, a filosofia não tem propriamente começo objetivo; seu discurso é somente a vida da intuição de si do absoluto (...)”.²⁷

Cabe citar aqui um excerto do parágrafo 17 da *Enciclopédia* de 1830, que o comentador francês utiliza para defender essa posição. O texto diz:

²⁵ “Nesse processo de reentrada em si, o conceito que pensa o ser se põe enquanto ser pensado como conceito (...)”. BOURGEOIS. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel, p. 417.

²⁶ BOURGEOIS. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel, p. 417.

²⁷ BOURGEOIS. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel, p. 416.

Quanto ao *começo* que a filosofia tem de instaurar, parece igualmente que a filosofia em geral começa com uma pressuposição subjetiva. (...) Dessa maneira a filosofia se mostra como círculo que retorna sobre si, que não tem começo — no sentido das outras ciências —, de modo que o começo é só uma relação para com o sujeito (...) mas não para com a ciência enquanto tal.²⁸

3. A posição de Houlgate: a reivindicação de um início que não antecipe nenhuma determinação posterior.

Posição diametralmente oposta à de Bourgeois é a de Stephen Houlgate, quem, em seu livro *The Opening of Hegel's Logic*, defende que o início lógico, por ser apenas início e não conter determinação alguma, não pode tampouco conter a pressuposição implícita dos desdobramentos posteriores a ele e oriundos dele. Se o início lógico contivesse ou antecipasse resultados posteriores da ciência (tal e qual, como vimos, defende Bourgeois), isso feriria diretamente o que Houlgate chama de “radical self-criticism”²⁹ do projeto hegeliano, herança direta, observa o comentador, de procedimentos cartesiano e kantiano e que tem como consequência a intenção expressa de Hegel de construir um sistema completamente livre de pressupostos.

O aspecto da ausência de pressupostos da filosofia hegeliana, o qual é negligenciado, segundo Houlgate, por grande parte dos estudos sobre Hegel³⁰, consiste em não assumir de antemão como verdadeira nenhuma concepção quanto ao que seja o pensamento, sua natureza,

²⁸ HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): Volume I – A Ciência da Lógica*. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995, p. 58.

²⁹ HOULGATE, S. *The opening of Hegel's Logic: from being to infinity*. Indiana: Purdue University Press, 2006, p. 24.

³⁰ No primeiro tópico do terceiro capítulo de *The Opening of Hegel's Logic* é abordada a diferença entre a interpretação de Houlgate e o que o comentador chama de visão ortodoxa a respeito de Hegel. Para além das muitas singularidades de cada leitura específica que compõe tal visão ortodoxa, o ponto central em todas elas é não levar a sério a reivindicação hegeliana de uma filosofia sem pressupostos, ou a consideração de que essa reivindicação é apenas anunciada, mas não cumprida por Hegel. Todos os autores indicados como pertencentes a essa tradição interpretativa (Schelling, Feuerbach, Heidegger, Derrida, Levinas, McTaggart, Klaus Hartmann), cada um a seu modo, creem que o início lógico já contém de antemão como pressuposto o ponto de chegada da ciência. Cf. HOULGATE. *The opening of Hegel's Logic: from being to infinity*, pp.54-6. Citamos Houlgate: “Now, I am well aware that there are many significant differences between all these interpreters of Hegel that should not be overlooked. What I wish to point out, however, is that all of them take for granted ‘in advance and without question’ that Hegel himself takes for granted ‘in advance and without question’ the goal and outcome of his philosophy. None of them takes seriously Hegel’s clear insistence that the beginning of the *Logic* ‘may not presuppose anything’ (*SL* 70/1: 69 [175])—or at least none accepts that Hegel lives up to his own demands— but each of them confidently assumes that Hegel in fact begins to philosophize from *within* a dialectical system whose completion or ‘closure’ he takes for granted, explicitly or implicitly, at the outset.” HOULGATE. *The opening of Hegel's Logic: from being to infinity*, p. 56-7.

sua estrutura ou suas regras. Nenhuma regra pode ser assumida como válida antes de ser justificada, ou antes de que sua verdade seja provada. E essa prova só pode se dar no interior da ciência, não antes dela.³¹

But what exactly does it mean to philosophize “without presuppositions”? (...) it means that we do not take for granted any particular conception of thought and its categories at the outset of philosophy (...). To philosophize without presuppositions is thus (...) merely to suspend our familiar assumptions about thought and to look to discover in the course of the science of logic *whether or not* they will prove to be correct.³²

Houlgate justifica a importância incontornável desse aspecto da filosofia hegeliana argumentando que o mesmo se funda na relação do filósofo com os seus antecessores, especialmente Kant. Mais precisamente, Houlgate afirma que a realização da filosofia sem pressupostos é resultado de uma crítica imanente de Hegel a Kant.³³ Hegel considera que a filosofia de Kant significa um progresso importante no sentido de ser a primeira a questionar o uso das categorias do entendimento utilizadas acriticamente pela metafísica tradicional e pelo empirismo.³⁴ Entretanto, Kant não chega a criticar o conteúdo de tais categorias (apenas a sua aplicação)³⁵ e, conseqüentemente, não realiza uma derivação genética das mesmas. Hegel considera, diz Houlgate, que a promessa de realização desses dois movimentos (os quais ocorrem na *Lógica*) estava implícita na filosofia kantiana, mas não foi por ela levada a cabo. A noção kantiana de *crítica* implicaria na necessidade de um questionamento do *conteúdo* das categorias tradicionais da metafísica, e a concepção kantiana de que as categorias têm origem no entendimento implicaria

³¹ Hegel, de fato, expressa isso claramente, por exemplo, na seguinte passagem do texto *Com o que precisa ser feito o início da ciência?*: “(...) querer já saber *antes* da ciência algo claro sobre o conhecer significa exigir que isso seja discutido *fora* da ciência; *fora* da ciência, isso não pode ser efetuado pelo menos de modo científico, do qual propriamente aqui se trata.” HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 70.

³² HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 30-31.

³³ “(...) Hegel’s *Logic* thus proves to be an even more thoroughly critical text than Kant’s own *Critique of Pure Reason*.” HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 26.

³⁴ “Prior to Kant, Hegel tells us, metaphysical and empiricist philosophers employed categories, such as substance and causality, to understand the world, but they did not prove that it was actually legitimate to do so.” HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 25.

³⁵ “(...) Hegel points out that in undertaking this critical examination of the epistemic status of the categories Kant neglects to carry out a similar critical investigation of the logical meaning of the categories themselves. Kant’s ‘critique does not involve itself with the content, . . . or with the determinate mutual relationship of these thought-determinations to each other’ (EL 81/113 [§41]). (...) A properly critical thinking, by contrast, would suspend the traditional conception of the categories and determine anew how the categories are to be understood. (...) the *Logic* perfects the genetic derivation of the categories (...) a rigorous derivation of the categories of the kind Kant fails to provide (...)” HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 26-7.

que a sua geração a partir do movimento do pensamento deveria ser mostrada na ciência, ao invés de meramente elas serem tomadas como dadas dos empreendimentos da metafísica anterior.

Tratando de aproximar Hegel também de Descartes, Houlgate propõe que o *puro ser* é justamente o resultado dessa abstração completa de pré-noções, e por isso a *Lógica* inicia com ele. Pois, ao pensamento, que se toma a si mesmo como objeto e que não pode fixar a si de antemão nenhuma concepção quanto a sua natureza, sua estrutura ou suas regras, resta apenas afirmar que *é* (e não mais do que isso, daí a carência de conteúdo desse primeiro momento lógico). Fazendo referência ao “*cogito, ergo sum*” de Descartes, Houlgate afirma: “Hegel’s conclusion, however, is not ‘I think, therefore I am’ but rather ‘thinking, therefore *is*.’”³⁶

Uma vez que não há pressupostos e, portanto, a progressão científica não pode ser movida adiante por meio da interferência de determinações posteriores, defende-se que o leitor da *Lógica* permaneça passivo, em postura de mera contemplação para com a ciência: o sujeito não deve se colocar numa relação exterior para com ela. Em outras palavras, a concepção de Houlgate acerca da imanência é, em boa medida, a não interferência de aspectos subjetivos (exteriores) sobre a progressão³⁷, de modo que a passividade alcançada significa o mesclar-se da subjetividade ao movimento do todo, colocando-se essa como mero canal para tal movimento se desenvolver por si só.

The word ‘let’ (*lassen*) is not always recognized to be a distinctively Hegelian word. It is more often associated with Heidegger, the philosopher of *Gelassenheit*, or letting-be. Careful reading of Hegel’s texts reveals, however, that Hegel employs the word *lassen* frequently, especially when characterizing the basic attitude of mind required of the philosopher. (...) It is important to note that Hegel’s radically self-critical philosophy requires a profound *passivity* on the part of those who are to enter into it. (...) the ability, without prejudice, to *let* one’s thinking be guided by what is immanent in the thought of pure being.³⁸

Dos passos argumentativos até aqui expostos resulta o que há de singular na interpretação de Houlgate. Isto é, da ênfase no aspecto da ausência de pressupostos e da concepção de

³⁶ HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 31-31.

³⁷ Nas palavras do comentador, essa postura consiste em “(...) keeping ourselves passive and holding ourselves to what is necessitated by the matter at hand (...)”, por isso, os sujeitos devem “(...) calmly suppress *their own* reflections and opinions (...)”. HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 62.

³⁸ HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 61-61.

imanência que, a nosso ver, se assemelha à da rigidez matemática (onde estão vetadas as interferências do externo sobre o desenvolvimento progressivo da ciência)³⁹ resulta que a circularidade da ciência lógica (a mediação da imediatidade do início) é *resultado* do desenvolvimento da ciência e, portanto, não pode ser *anterior* ao mesmo. Para Houlgate, então, a circularidade da ciência de fato medeia a imediatidade do início e o justifica. Mas, ao contrário do que, como vimos, pensa Bourgeois, ele acredita que isso não está posto de antemão, não pode ser *antecipado*. O momento inicial se preserva, para Houlgate, em sua absoluta imediatidade, e a justificação dele é posterior, retrospectiva.

(...) presuppositionless thought proves to be a self-constituting circle. It begins with sheer indeterminacy and immediacy, then draws itself out, as it were, as the various categories are unfolded, and finally comes to be the whole circle—the unity of all the categories—of which sheer indeterminacy is retrospectively understood to be the necessary, but mere, beginning. This circle proves to be the ground of the initial category because that category itself proves to be required *by* that circle and to be nothing but a moment *of* that circle. But this ground—the circle—is not, and cannot be, presupposed at the outset of the development. Rather, the ground only *emerges*—and the circle only *constitutes itself*—through the self-negation of the sheer immediacy of the beginning. Accordingly, Hegel maintains, ‘the method, which thus winds itself into a circle, cannot *anticipate* (*antizipieren*) in a development in time that the beginning is, as such, already something derived; it is sufficient for the beginning in its immediacy that it is simple universality’ (SL 841/2: 570, my emphasis).⁴⁰

4. A posição de Henrich: o caráter reflexivo da circularidade e a compreensão dupla do início. Uma possibilidade de solução da divergência.

O clássico *Anfang und Methode der Logik*,⁴¹ de Dieter Henrich, é dividido em três partes, sendo a primeira delas muito breve e mais geral que as demais. Nela, Henrich se propõe a justificar a relevância do tema do início da *Lógica* de Hegel e anuncia em termos gerais o que será realizado nas outras duas partes do texto. A segunda parte do artigo aborda detidamente as mais importantes críticas elaboradas à dialética inicial entre ser e nada, e as refuta. A terceira

³⁹ “(...) in the *Logic* (...) each new thought or category arises by simply refining the initial indeterminate conception of being. In the course of the *Logic*, therefore, the thought of being *itself* turns into all the other categories of thought through its own internal dynamic.” HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 45.

⁴⁰ HOULGATE. *The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity*, p. 50.

⁴¹ Utilizaremos aqui a seguinte tradução ao espanhol do texto. HENRICH, D. *Comienzo y método de la Lógica*. Em: HENRICH, D. *Hegel en su contexto*. Tradução para o espanhol de Jorge Aurelio Diaz A. Caracas: Monte Avila Editores, 1990.

parte do artigo contém o desenvolvimento argumentativo que justifica a tese principal do texto, que é: a lógica do ser somente pode ser compreendida *via negationis*, isto é, a partir da referência (negativa) às determinações da reflexão. É consequência de tal tese que o início lógico não pode ser compreendido a partir de si mesmo, mas apenas tendo em vista aquilo que dele se desenvolve.

Henrich pondera, na primeira parte do artigo, que o início lógico oferece, do ponto de vista de sua (não) complexidade formal, consideravelmente menos dificuldade do que passagens posteriores da *Lógica* (especialmente as determinações reflexivas, que o próprio Hegel considerava serem a parte mais difícil da *Lógica*⁴²), e, portanto, dispor-se a abordar com minúcia esse momento em lugar de outro poderia parecer injustificado.⁴³ Mas, para Henrich, o que justifica o interesse de se debruçar sobre essa parte da *Lógica* reside na especificidade de sua estrutura (a imediatidade da passagem do ser ao nada e a dificuldade interpretativa oriunda da brevidade com que é exposta tal passagem) e na importância dela para a *Lógica* como um todo, do ponto de vista do método.⁴⁴

Entretanto, diz Henrich que, paradoxalmente “(...) la lógica de la reflexión es susceptible de una interpretación inmanente, mientras que la lógica del puro ser puede entenderse únicamente cuando se consideran diversas tesis, cuyo lugar se encuentra en contextos muy diferentes.”⁴⁵ Razão pela qual será necessário, para compreender o início lógico, dirigir-se a outras partes do sistema, de modo que se possa situar a dialética inicial nele e assim compreendê-la. Henrich conclui: “(...) la interpretación del comienzo sólo puede lograrse cuando tenemos en cuenta el contexto completo y el método de desarrollo de las determinaciones puras del pensar (...)”.⁴⁶

Esse ponto concernente à comparação entre a lógica do ser e a lógica da reflexão e à relação necessária do início lógico com momentos posteriores do sistema se especifica mais através da seguinte formulação: “(...) la lógica del puro ser únicamente se puede explicitar *via*

⁴² Cf. HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 62.

⁴³ Cf.: HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 61.

⁴⁴ “(...) el comienzo de la lógica contiene dificultades (...). Proviene precisamente del paso inmediato del ser a la nada y de la cortedad lapidaria con la que se lleva a cabo. (...) Por ello mismo ha resultado posible suscitar, precisamente contra él, un impresionante número de objeciones plausibles, ante las cuales los conservadores discípulos de Hegel se encontraron no poco perplejos. (...) Pero no solamente la estructura particular, sino también el importante significado metódico del primer capítulo de la *Lógica*, justifican el interés que ha mostrado por él la escuela hegeliana (...)” HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 62.

⁴⁵ HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 62.

⁴⁶ HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 62.

negationis (por la vía de la negación), en su diferencia con la lógica de la reflexión.”⁴⁷ Essa tese (assim é referida pelo próprio comentador)⁴⁸ é justificada através da observação de que as expressões que caracterizam o puro ser (isto é, a imediatidade indeterminada e a igualdade apenas consigo) são essencialmente negativas. Mais especificamente, são determinações da lógica da reflexão negadas.

(...) ambas [inmediatez indeterminada e igualdad sólo consigo] tienen en común la estructura de la *vía negationis*: en ella se califica una categoría de la reflexión mediante una determinación que debe suprimirle a esa categoría precisamente su carácter reflexivo. (...) Por consiguiente, las dos únicas determinaciones mediante las cuales puede expresarse el pensamiento ‘ser’ (...) son determinaciones de la reflexión negadas.⁴⁹

No caso da imediatidade, Henrich alega que ela consiste na negação (e, portanto, mediação) da mediação. A imediatidade, então, na medida em que é o par oposto da mediação, tem a sua origem na lógica da reflexão. Entretanto, no início, a imediatidade é indeterminada, o que significa que é diferente da imediatidade da essência. E no caso da expressão “igualdade apenas consigo”, também há uma referência negativa à determinação da igualdade, que, na *Doutrina da Essência*, é um dos momentos da diversidade, ao lado da desigualdade. Naquele ponto, ambos esses momentos se caracterizam por ter uma relação de diferença exterior, que recai, portanto, fora de ambos. Hegel diz que, enquanto diferentes, são indiferentes um ao outro.⁵⁰ Ou seja, não estão constituídos a partir da relação negativa interior em relação ao outro, e, desse modo, a sua diferença é exterior, recai fora de cada um deles, ou ainda, diz Hegel, “(...) é a consideração de um terceiro que cai fora delas.”⁵¹ Assim, quando Hegel caracteriza o ser como igualdade apenas consigo, ele está quebrando propositalmente o sentido de igualdade que virá a ser construído na *Doutrina da Essência*; negando-o, e estabelecendo um significado de igualdade através da referência negativa à determinação reflexiva posterior.

Inmediatez es así la negación de mediación y, como tal, ella misma es mediada y determinada por este concepto. *Inmediatez* indeterminada es, por lo mismo,

⁴⁷ HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 65.

⁴⁸ Cf. HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 65.

⁴⁹ HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 68-69, colchetes nossos.

⁵⁰ Cf. HEGEL, G W. F. *Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência*. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017, p. 64.

⁵¹ HEGEL. *Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência*, p. 65.

una expresión que le cambia de lugar al origen del pensamiento de la inmediatez, lugar que se encuentra en la lógica de la reflexión y lo convierte en su contrario. Con esa expresión Hegel solamente puede querer decir que hay que pensar ‘ser’ de manera diferente a la inmediatez de la esencia. (...) Lo mismo sucede con la expresión *igualdad sólo consigo*. Igualdad es también una determinación reflexiva que se desarrolla en la lógica de la esencia como uno de los momentos de la diversidad. Allí aparecen igualdad y desigualdad como puntos de *vista* de la relación entre sí de lo diverso. Igualdad solamente puede afirmarse, por lo tanto, en relación con lo otro que además es diverso. Ahora bien, en la segunda expresión al comienzo de la lógica del ser, esa determinación esencial de la igualdad es precisamente negada; negación que Hegel mismo sugiere al hablar de una igualdad *sólo consigo mismo*.⁵²

Da constatação da negatividade de tais expressões, extrai-se, então, a seguinte consequência: se a primeira categoria da lógica é mediada (e determinada) por categorias da lógica da reflexão, então o início da lógica não pode ser compreendido a partir de si mesmo.⁵³ Segundo Henrich, o próprio Hegel considerava que só era possível prevenir-se de objeções infundadas e equivocadas ao início lógico através do conhecimento, ao menos, da lógica da reflexão.⁵⁴

Por outro lado, que não se possa compreender o início lógico a partir de si mesmo é diferente de entender que ele seja *constituído* de momentos reflexivos e não tenha um caráter próprio. Podemos dizer que, para Henrich, as caracterizações reflexivas do puro ser tem uma função explicativa, e não constitutiva. O início é caracterizado negativamente por meio de determinações mais avançadas negadas pois, em primeiro lugar, dada a sua ausência absoluta de conteúdo, não se poderia apresentá-lo de outro modo (que não negativamente em relação ao que ele não é) e, em segundo lugar, desse modo é possível justamente separar o início lógico das determinações da reflexão. Através dessa caracterização negativa, então, Hegel pretenderia podar inferências precipitadas e errôneas em relação ao início, que tendem a brotar naturalmente dada a dificuldade do pensamento em conceber a ausência absoluta de conteúdo.⁵⁵ Para Henrich, então, as determinações reflexivas negativas com que o puro ser é caracterizado tem unicamente a função de: “(...) referir al pensamiento que se quiere expresar con ‘ser’, declarándolo totalmente libre de las estructuras de la reflexión. Esto se lleva a cabo al invertirse y suprimirse

⁵² HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 68-69.

⁵³ Cf.: HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 69.

⁵⁴ “Hegel era muy consciente de (...) que, sólo después de estudiar al menos la lógica de la reflexión, está asegurado el *comienzo* contra falsas interpretaciones y objeciones (...)” HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 69.

⁵⁵ Diz o comentador: “Esa limitación a lo simple le abre ancho campo a los caprichos del pensamiento, el cual de por sí no quiere quedarse en lo simple, sino que le añade sus reflexiones.” HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 69.

en esa referencia el sentido de las categorías de la esencia (...)”, uma vez que “Hegel no dispone de ningún método para explicitar el pensamiento del ser.”⁵⁶ Ainda em outras palavras, podemos dizer que as caracterizações reflexivas negativas do início lógico respondem a uma necessidade prática, pois o início lógico enquanto tal é “inanalizável”.

Podemos concluir que a posição de Henrich enxerga que há dois pontos de vista possíveis a partir dos quais se pode entender o início: aquele propriamente inicial, que, entretanto, não pode ser expresso sem o auxílio de categorias posteriores, e o ponto de vista da ciência enquanto tal, que entende o início como sendo justificado pelo que dele emerge.⁵⁷ Citamos Henrich: “(...) el comienzo, por una parte, tiene que ser caracterizado ciertamente mediante expresiones reflexivas; pero, por otra, es sin duda - según las palabras del mismo Hegel -, en su ‘inmediatez simple y sin contenido, un inanalizable’ (...)”⁵⁸

A existência desses dois pontos de vista se expressa na primeira das cinco teses gerais sobre a *Lógica* elaboradas por Henrich ao final de seu texto, as quais seriam resultado da análise do início realizada ao longo de todo o artigo. Essa tese proclama a diferença entre o processo de determinação lógica dos pensamentos (que é unidirecional) e a *Ciência da Lógica* (ou a ciência sobre tal desenvolvimento), que é um modo de realidade do espírito, e que se desenvolve através de fundamentação retroativa, com enfoque na totalidade. Coincidem, portanto, dois movimentos distintos: o progresso unidirecional categorial, e o movimento científico que comporta o primeiro movimento, e que é circular.

1. La *Ciencia* de la Lógica debe ser distinguida del proceso de determinación lógica de los pensamientos. Este proceso se lleva a cabo como desarrollo unidireccional. La *Ciencia* sobre él, en cambio, es una manera de la realidad

⁵⁶ HENRICH. **Hegel en su contexto**, p. 69.

⁵⁷ Marcos Lutz Müller, em seu artigo que já mencionamos aqui, também defende a existência desse duplo ponto de vista. Para ele, há o ponto de vista do início (isto é, do puro pensar enquanto idêntico ao puro ser), e o ponto de vista da ideia absoluta, do *para nós*. O puro pensar enquanto puro ser não sabe que a sua imediatidade é resultado da autosuspensão de uma mediação, nem que a indeterminidade é a sua determinidade, e essa ignorância do puro pensar enquanto puro ser é condição de sua pura imediatidade. Citamos Müller: “Essa indeterminidade, no começo, não é nem aparece para o puro pensar, entendido como resultado de uma reflexão que abstrai de toda determinação; ela não depende da mediação epistêmica de uma abstração absoluta, pois não seria mais ‘pura imediatidade’. (...) Essa identidade entre o puro ser e o puro pensar abstrato na sua imediatidade indeterminada não é ainda para esse puro pensar: ela é em si, somente para nós, isto é, para a ideia absoluta, que na sua reflexão metodológica sabe que o puro ser na sua igualdade exclusivamente consigo é idêntico à pura auto-referencialidade do pensar abstrato.” MÜLLER. A negatividade do começo absoluto, p.80-2.

⁵⁸ HENRICH. **Hegel en su contexto**, p. 69-70.

del Espíritu. Esta no puede a menudo desarrollarse sino fundamentándola retrospectivamente y con la mirada puesta en el todo.⁵⁹

A elaboração e resolução da contrariedade entre esses dois pontos de vista se expressa na seguinte citação, que, ao mesmo tempo, entendemos, pode servir como uma resposta à interpretação de Houlgate, de acordo com a qual, como vimos, Hegel exigiria a não interferência de determinações posteriores sobre o início e por isso seria necessário não recorrer a antecipações para explicar o início que, enquanto início, seria apenas o vazio, e nada mais. Diz Henrich:

El mismo Hegel se preguntó en alguna ocasión si no podría utilizarse un expediente en la *Lógica*, en el cual se renunciara a cualquier anticipación de determinaciones aún no deducidas. Pero teniendo en cuenta la vacuidad y simplicidad del comienzo, lo consideró demasiado abstracto y, por consiguiente, inaplicable. (...) la dificultad es ineludible. Por ello mismo nunca hizo dudar a Hegel de que su presentación de la lógica del ser *via negationis* era correcta.⁶⁰

Ou seja, é certo que do ponto de vista estritamente dedutivo não se deveria realizar interferências sobre o desenvolvimento categorial imanente e, portanto, não se deveria abordar o início armado de determinações posteriores. Entretanto, dada a simplicidade absoluta desse início, o próprio Hegel teria reconhecido como impossível tal realização. Pelo que Henrich pode concluir que a apresentação da lógica do ser *via negationis* é a correta.

5. Breve retorno a Hegel para novo confronto entre as interpretações trazidas e conclusão.

Nos permitiremos, nesta última seção de nosso texto, aludir a pontos específicos de dois textos selecionados de Hegel, com o intuito de que isso nos auxilie a elaborar a conclusão. O objetivo é apenas indicar, a partir dessas passagens pontuais, relações com o debate apresentado até aqui. Não coube, entretanto, desenvolver aqui a exposição dos textos de Hegel que serão citados. Como se verá, as duas alusões serão breves e estratégicas.

Começamos com a abordagem do texto de *Introdução à Enciclopédia*, que inicia, já no primeiro parágrafo, com a contradição entre a especificidade da filosofia enquanto uma ciência sem pressupostos e a inevitabilidade de que o seu início envolva ou seja ele mesmo um pressuposto.

⁵⁹ HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 73.

⁶⁰ HENRICH. *Hegel en su contexto*, p. 71-72.

A filosofia não tem a vantagem, de que gozam as outras ciências, de poder *pressupor* seus *objetos* como imediatamente dados pela representação; e também como já admitido o *método* do conhecer — para começar e para ir adiante. (...) Mas a dificuldade de instituir um *começo* apresenta-se ao mesmo tempo, porque um começo, como algo *imediatamente*, faz sua pressuposição; ou melhor, ele mesmo é uma pressuposição.⁶¹

Esse problema anunciado no primeiro parágrafo do texto é resolvido no décimo sétimo. Lá Hegel diz que essa aparente contradição se deve a uma diferença de pontos de vista. A saber: o ponto de vista subjetivo, que vê a ciência de fora, acredita, quando começa a pensar o objeto dela, que a ciência está ali iniciando. Por outro lado, o ponto de vista da ciência enquanto tal, a qual é circular, vê esse sujeito (que se acreditava exterior a ela) como mais um de seus momentos, como mais um elo. E o que esse sujeito acreditava ser um início (e um imediato) a ciência enquanto tal entende como sendo resultado (isto é: um mediado). Ela o engloba.

Quanto ao *começo* que a filosofia tem de instaurar, parece igualmente que a filosofia em geral começa com uma pressuposição subjetiva, como as outras ciências. A saber: tem de fazer de um objeto particular o objeto do pensar. Como nas outras [ciências] esse objeto é o espaço, o número etc. aqui [na filosofia] é o *pensar* [mesmo]. Porém o ato livre do pensar é isto: colocar-se no ponto de vista em que é para si mesmo, e por isso *se engendra* e *se dá seu objeto mesmo*. No mais, esse ponto de vista, que assim aparece como *imediatamente*, deve, no interior da ciência, fazer-se *resultado*; e na verdade o resultado último da ciência, no qual ela alcança de novo seu começo e retorna sobre si mesma. Dessa maneira a filosofia se mostra como círculo que retorna sobre si, que não tem começo — no sentido das outras ciências —, de modo que o começo é só uma relação para com o sujeito, enquanto esse quer decidir-se a filosofar, mas não para com a ciência enquanto tal. Ou, o que é o mesmo, o conceito da ciência e por isso o primeiro conceito — e, por ser o primeiro, contém a separação [a saber], que o pensar é o objeto para um sujeito filósofo (de certo modo exterior) — [esse conceito] deve ser apreendido pela própria ciência.⁶²

Como vimos, essa resolução do problema é utilizada por Bourgeois para defender a não existência de um início objetivo enquanto tal. Ao mesmo tempo, de fato esse texto de Hegel parece ir na direção inversa à da interpretação de Houlgate. A interpretação mais sutil dessa

⁶¹ HEGEL. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): Volume I – A Ciência da Lógica*, p. 39.

⁶² HEGEL. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): Volume I – A Ciência da Lógica*, p. 58.

passagem, entretanto, de acordo com o nosso entender, permite entender as posições de ambos os comentadores como unilaterais em direções opostas. O texto de Hegel fala em *ponto de vista*, razão pela qual parece razoável entender, como Henrich, que há dois pontos de vista que incidem sobre o início: aquele que “começa com uma pressuposição subjetiva” e aquele a partir do qual o imediato passa a ser visto como resultado. Então, os dois pontos de vista existem, sem que um anule completamente o outro.

Muitas vezes parece que Houlgate deixa de levar em conta o ponto de vista do espírito (ou da ciência enquanto tal), e considera apenas o ponto de vista subjetivo (por exemplo, de um leitor da lógica)⁶³. Essa leitura de Houlgate culmina, a nosso ver, na compreensão de um progredir lógico temporal e na sobreposição desse aspecto ao da circularidade da ciência. Isso permite ao comentador separar o momento inicial (absolutamente imediato), pré-circular, do momento posterior de mediação dessa primeira imediatidade, como se se tratasse de dois momentos temporalmente distinguíveis.

A outra passagem a que aludimos se encontra no *Prefácio* à segunda edição da *Ciência da Lógica*,⁶⁴ e nela Hegel discorre a respeito da imanência de sua ciência lógica. Crítico da rigidez da imanência matemática, ele propõe uma concepção de imanência aberta, isto é, uma imanência que incorpore aquilo que ele chama de ‘intromissões’, que são os pensamentos que não derivam rigorosamente da determinação imediatamente anterior, mas, mesmo assim, se infiltram no desenvolver científico. Citamos então esta longa passagem.

Nenhuma apresentação de um objeto seria em e para si capaz de ser, de modo estrito, tão imanentemente plástica por inteiro como a do desenvolvimento do pensar na sua necessidade; nenhum [objeto] carregaria consigo tamanha exigência; sua ciência teria que superar nisso também a matemática, já que nenhum objeto tem em si mesmo essa liberdade e independência. Tal exposição requereria, como isto está dado, à sua maneira, no andamento da consequência matemática, que em nenhum grau do desenvolvimento haveria uma determinação do pensar e uma reflexão que não resulta imediatamente nesse grau e

⁶³ “Presuppositionless philosophy does, therefore, have a presupposition after all. It presupposes no goal, method, or principle that would orient its development and so in that sense is presuppositionless. But it requires a self-critical openness of mind on the part of the philosopher and in that sense has a definite presupposition. Indeed, it presupposes precisely a readiness on the part of the reader to suspend all his or her presuppositions about thought and being.” HOULGATE. **The opening of Hegel’s Logic: from being to infinity**, p. 60. Richard Dien Winfield, a nosso ver, corretamente, faz a diferenciação entre os dois pontos de vista na seguinte passagem: “Note that it is one thing to speak about logic and how logic itself develops and another thing to consider how living individuals think through logic. These are two different topics and two very different investigations.” WINFIELD. **Hegel’s Science of Logic: A critical rethinking in Thirty Lectures**, p. 32.

⁶⁴ Como se sabe, entretanto, apenas a *Doutrina do Ser* foi publicada, com alterações, nessa reelaboração.

que nele não fossem derivadas a partir dos precedentes. Só que, em geral, é preciso renunciar a tal perfeição abstrata da apresentação; já na medida em que a ciência tem que iniciar com o puramente simples, portanto, com o mais universal e o mais vazio, a exposição admitiria apenas justamente essas expressões bem simples sem qualquer outra adição de qualquer palavra; - o que poderia legitimamente ocorrer, de acordo com a Coisa, seriam reflexões que negam, que se esforçariam para deter e afastar aquilo que de outra maneira a representação ou um pensar desregrado poderia misturar. Tais intromissões no simples andamento imanente do desenvolvimento são, contudo, contingentes por si, e o próprio esforço para evitá-los se torna, com isso, marcado com essa contingência; (...) é vão querer enfrentar todas essas intromissões (...). (...) a inquietude peculiar e a distração de nossa consciência moderna não admitem nada de diferente do que levar mais ou menos igualmente em consideração as reflexões e as intromissões óbvias. Uma exposição plástica requer então também um sentido plástico do apreender e do compreender; (...) tais jovens e homens plásticos, tão tranquilos com a abnegação das *próprias* reflexões e intromissões (...) ouvintes unicamente seguidores da Coisa, como Platão os imagina, não poderiam ser colocados em um diálogo moderno; ainda menos se poderia contar com tais leitores.⁶⁵

O objeto da ciência lógica (o pensamento puro) pode parecer requerer um tipo de imanência como o da matemática para o seu desenvolvimento. Isto é, uma progressão em que nenhuma determinação do pensar possa emergir se não derivar necessária e rigorosamente da determinação imediatamente anterior. Se assim fosse, entretanto, seria necessário enfrentar a ineludível dificuldade de expor um início absolutamente simples, e vazio de conteúdo, sem a adição de qualquer palavra que exceda essa simplicidade total. Isso não é possível, assim como tampouco dá resultado a estratégia de banir ativamente as intromissões contingentes que se aproximam do desenvolver imanente da ciência, pois, ao lidar com tais intromissões, o pensamento acaba por ser condicionado por elas e é tomado pela contingência e subjetividade que quer evitar. Além disso, Hegel atribui à condição moderna a impossibilidade de afastar completamente as intromissões subjetivas na consideração de qualquer objeto.

Essa passagem, a nosso ver, vai no sentido diretamente contrário à posição de Houlgate, que, como vimos, afirma que o início não poderia conter qualquer antecipação de um desenvolvimento posterior, na medida em que isso seria uma infração ao caráter estritamente imanente da ciência. Por outro lado, essa perspectiva de imanência aberta às intromissões também possibilita que se veja a posição de Bourgeois como limitada, já que o comentador francês parece

⁶⁵ HEGEL. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*, p. 41.

entender que a constituição da ciência acaba por excluir completamente o ponto de vista subjetivo (poderíamos dizer, as intromissões), ao ponto de afirmar que a ciência lógica não tem início, uma vez que este seria apenas um ponto de vista exterior à ciência.

A esse respeito, e levando em conta tudo o que foi desenvolvido em nosso artigo, nós concluimos com a hipótese interpretativa de acordo com a qual uma leitura atenta do texto de Henrich pode observar que ele, apesar de correr o risco de ser compreendido como um intérprete que entende o início lógico como estando *constituído* de momentos reflexivos, ele, mais precisamente, constantemente concebe que há dois pontos de vista que incidem sobre o início lógico, e que nenhum se sobrepõe completamente ao outro. A caracterização *via negationis* do início lógico tem, então, uma função *prática* (a de poder expressar em palavras o puro ser) e não *constitutiva*. A partir dessa interpretação do comentador alemão, pode-se entender as posições previamente expostas de Houlgate e Bourgeois como unilateralidades opostas: cada uma delas desconsidera um dos dois pontos de vista que Henrich reivindica. Bourgeois acredita que o ponto de vista científico se sobrepõe completamente ao subjetivo, e Houlgate está muito mais preocupado com o ponto de vista da imediatidade (podemos dizer, ignorante) do ser inicial, que “não sabe”, ainda, que é resultado da circularidade e, portanto, do final.

Dalmiro Schwartz Lara
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
R. Cora Coralina, 100 - Cidade Universitária,
Campinas - SP, 13083-896

dal_sl@hotmail.com

BIBLIOGRAFIA

BOURGEOIS, Bernard. A Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel. Em: HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): Volume I – A Ciência da Lógica**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995. p. 373-443.

BOURGEOIS, Bernard. **Etudes hégéliennes: Raison et décision**. Paris, Presses Universitaires de France, 1992.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830): Volume I – A Ciência da Lógica**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Werke in 20 Bänden**, Suhrkamp: Frankfurt am Main, 1970.

HENRICH, Dieter. **Hegel en su contexto**. Tradução de Jorge Aurelio Diaz A. Caracas: Monte Avila Editores, 1990.

HOULGATE, Stephen. **The opening of Hegel's Logic: from being to infinity**. Indiana: Purdue University Press, 2006.

MÜLLER, Marcos Lutz. A negatividade do começo absoluto. In: GONÇALVES, Márcia. (Org.) **O pensamento puro ainda vive: 200 anos da Ciência da Lógica de Hegel**. São Paulo, Editora Barcarolla: 2014. p. 61-89.

PINKARD, Terry. **Hegel: A Biography**. Cambridge, United Kingdom. Cambridge University Press, 2000.

WINFIELD, Richard Dien. **Hegel's Science of Logic: A critical rethinking in Thirty Lectures**. United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, 2012.